

Estrutura e conjuntura econômica: mercado de trabalho e o diferencial de salários nos municípios de Franca e Sertãozinho

Hélio BRAGA FILHO

Centro Universitário de Franca Uni-FACEF
hgp@com4.com.br

Márcio Benevides LESSA

Centro Universitário de Franca Uni-FACEF
marcio_lessa@facef.br

Resumo

O artigo tem por objetivo analisar e comparar a estrutura produtiva e o comportamento do mercado de trabalho dos municípios paulistas de Franca e Sertãozinho. Embora o município de Franca possua uma população bem maior do que o município de Sertãozinho, alguns indicadores apontam para que este último tenha um VAF maior, proporcionado pela agro-indústria, principalmente. Já a atividade industrial francana agrega mão-de-obra com remuneração menor. O reflexo da remuneração reflete na demanda agregada dos municípios. Assim, o artigo se vale da proposição de que o nível de atividade impacta diretamente sobre a geração de renda e do emprego. Porém, nem sempre o aumento da oferta de emprego resultará em aumento na renda pessoal. Desta forma, através dos indicadores secundários, busca-se uma avaliação comparativa simples, porém reflexiva.

Palavras Chaves: estrutura, conjuntura econômica, mercado de trabalho, salários, Franca e Sertãozinho.

Abstract

This article aims to analyze and compare the structure of production and labor market behavior in the municipalities of France and Sertãozinho. Although the city of Franca has a much larger population than the city of Sertãozinho, some indicators suggest that the latter has a higher VAF provided by the agro-industry, mainly. The industrial activity of France pays less. The reflection of remuneration reflects the aggregate demand of the municipalities. Thus, the article is based on the proposition that the level of activity has a direct impact on income generation and employment. But not always increase the offer of employment will result in an increase in personal income. Thus, through the secondary indicators, we sought a simple benchmark, but reflective.

Keywords: structure, economic situation, labor market, wages, Franca and Sertãozinho.

Introdução

Sob a ótica do binômio conjuntura-estrutura, o artigo tem por objetivo analisar e comparar o mercado de trabalho, notadamente o emprego e a remuneração dos trabalhadores recortados espacialmente a dois municípios paulistas.

Inicialmente, considera-se relevante destacar proposições mais gerais formuladas por Smith, Ricardo e Marx, que foram notáveis pensadores da escola clássica.

Em “A Riqueza das Nações”, Smith advoga que a divisão do trabalho e a especialização dela derivada advinha das trocas. Desta forma, quanto maior for a amplitude dos mercados e mais intensa forem as trocas, mais extensa seria a divisão do trabalho.

O otimismo smithiano se manifesta por meio de uma função de produção que a um só tempo era capaz de promover rendimentos crescentes com uma contínua expansão dos mercados e divisão do trabalho aumentando indefinidamente a produção (SOUZA, 2005).

Defensor por excelência do pensamento liberal, Smith admitia a possibilidade de conciliação do desejo de prosperar materialmente à ética sustentada por um sentimento de aprovação.

Influenciado pela astronomia, acreditava ser possível, analogamente à harmonia existente entre os planetas, edificar uma ordem social equivalente.

Diferentemente de Smith, Ricardo introduzira na sua função de produção a variável estoque de conhecimento (S), além de admitir estar a produção sujeita a rendimentos decrescentes. A dinâmica de crescimento da economia ricardiana baseava-se no suposto de que o produto (...) *crecerá no período t, em função da variação dos estoques no referido período, multiplicados estes últimos por suas produtividades marginais respectivas* (Souza, 2005. p. 71).

$$dY/dt = f_K dK/dt + f_L dL/dt + f_S dS/dt$$

Na visão ricardiana a demanda de trabalho (dL^d/dt) varia em proporção da acumulação do capital dK no período t , ou ainda, matematicamente expressa-se segundo a equação demonstrada por SOUZA (2005).

$$dL^d/dt = g dK/dt$$

Todavia, Ricardo admitia que a acumulação de capital podia (...) *ser bloqueada pela redução do excedente ($Y - W * L$), pela queda da taxa de lucro, ou pela elevação da taxa de juro e dos riscos.* (SOUZA, 2005. p. 73).

Ricardo, além de defender o livre comércio entre as nações manteve-se fiel à teoria do valor, formulou a teoria das vantagens comparativas e deslocou o objeto da economia política da produção para a distribuição.

O rigor científico e a densidade intelectual de Marx manifestam-se na sua obra “O Capital”, sobretudo pelo fato deste notável pensador ter procurado compreender o modo de produção capitalista numa perspectiva histórica.

Sob a ótica marxista a demanda de trabalho condiciona-se à relação entre o capital constante (C) e o capital variável (V) que define a composição orgânica do capital, a qual, por sua vez, sob a ação inexorável da concorrência torna-se passível de mutação.

A relação capital constante/capital variável, formalmente análoga à relação neoclássica K/L revela a tecnologia utilizada na economia. Ela indica a distribuição do capital entre seus componentes e o modo de combinar os fatores de produção capital e trabalho. (...) No longo prazo, a tecnologia gera crescimento maior em C em relação a V e a composição orgânica cresce. Expande-se o contingente de

desempregados, que pressiona os salários para baixo (SOUZA, 2005. p. 82-83).

Diante disto, à medida que agudiza a concorrência os capitalistas (aqueles que comandam o capital) tendem a modificar a composição orgânica do capital ao aprofundar o emprego de tecnologias poupadoras de capital variável (V), isto é, eliminadoras de trabalho. Assim, acaba-se criando um “batalhão de reserva”, ou melhor, um contingente de desempregados, de tal sorte, que a oferta de trabalho (OL) ao exceder a sua demanda (DL) forçaria os salários para baixo.

Estas considerações preliminares procuraram apenas em linhas gerais destacar a contribuição de economistas clássicos, sobressaindo o significado por eles atribuído ao tamanho/amplitude dos mercados, à divisão do trabalho, às trocas, bem como, explicar como que a demanda de trabalho na visão ricardiana se condiciona ao ritmo de acumulação de capital que pode também ser bloqueado pela redução do excedente econômico. Do mesmo modo, na visão marxista ficou evidenciado que a demanda de trabalho condiciona-se às modificações da distribuição do capital entre os seus respectivos componentes que define a composição orgânica global.

Entretanto, há de se considerar que o volume de emprego (demanda de trabalho) submete-se ainda a outra ordem de fatores, vistos que as flutuações da demanda agregada – do consumo, dos gastos do governo, dos investimentos e das exportações/importações – também exercem impacto direto sobre o mesmo.

Assim, procuramos destacar a contribuição de outros economistas que se dedicaram inclusive ao estudo das flutuações econômicas observando de início a certeza consciente de ter cometido omissões pela ausência de Juglar, Kondratieff, Kitchin, Kalecki, Kaldor, Wicksell e outros.

A economia, notadamente a atividade econômica, descreve dois distintos movimentos, quais sejam, o movimento de expansão e o movimento de contração.

Se examinarmos os dados estatísticos de algumas atividades econômicas, principalmente se apresentarmos de forma gráfica, mostram que o curso dos negócios, (...) não é manso e tranqüilo. (...) Estas flutuações dos negócios são de muitas espécies. Algumas são súbitas, isoladas, descontínuas. (...) Outras prolongam-se por longos períodos na mesma direção, como a expansão da produção ou, em alguns casos, a retração da mesma. Outras mudanças são essencialmente flutuações de natureza rítmica. (...) Algumas dessas flutuações limitam-se a um campo específico, outras, como os ciclos econômicos tendem a cobrir todo o campo da economia e refletem mudanças no que se pode chamar a “atividade econômica como um todo”. (...) os ciclos econômicos são apenas um exemplo das diversas flutuações que podem encontrar-se nas atividades dos negócios modernos. (ESTEY, 1956. p. 11)

De acordo com Estey (1956), as flutuações econômicas são mais comumente classificadas em :

- a) tendências seculares;
- b) flutuações estacionais;
- c) flutuações cíclicas; e
- d) flutuações esporádicas

Sobre a natureza e a função do crédito, bem como do fenômeno do desenvolvimento econômico na perspectiva do papel desenhado pelas inovações sobressai a contribuição de Schumpeter, que do mesmo modo que enaltece o empresário inovador indaga a respeito das crises econômicas. *Por que os empresários aparecem, não de modo contínuo, ou seja,*

individualmente, a cada intervalo escolhido apropriadamente, mas aos magotes? (Schumpeter, 1997. p. 214).

As expectativas e as decisões dos empresários industriais podem conduzir a economia a flutuações sob efeito variado de causas psicológicas, as quais podem ser explicadas pelas “*Teorias Psicológicas*” de Pigou. Entre as diversas causas explicativas das flutuações econômicas de natureza psicológica podemos destacar: os erros de previsão; a influência da concorrência; as influências especulativas; as ondas de otimismo e pessimismo e as influências psicológicas na depressão (ESTEY, 1956)

Outra importante contribuição sobre as flutuações econômicas basea-se na “*Teoria Monetária do Ciclo de Hawtrey*”.

“*As variações na demanda efetiva*”, disse Hawtrey, “*que são a substância real do ciclo econômico, devem atribuir-se às mudanças no crédito bancário*”. (...) Para ele, o ciclo é, fundamentalmente, um fenômeno monetário. (...) O desenvolvimento real dos ciclos deve-se às variações cumulativas do crédito bancário produzidas por um sistema monetário elástico e uma política bancária que se maneja cegamente pelo estado de reservas (ESTEY, 1956. p.213 e 217).

Embora o mecanismo de propagação tenha sido mais sofisticado, convém observar que a crise do *subprime*, eclodida em 2007 no centro financeiro dos Estados Unidos (New York), fora alavancada pela expansão imoderada e inconstante do crédito barato e de elevado risco. A onda de choque produzida por esta crise financeira afetou a economia global, notadamente o nível de emprego, aumentando principalmente nos EUA e na zona do euro a taxa de desemprego.

A propensão marginal a consumir e poupar (PMgC e PMgP), o multiplicador do investimento, a eficácia marginal do capital e o princípio da demanda efetiva integram o arcabouço teórico keynesiano cujo objetivo é explicar o que determina o volume de emprego.

O ponto de partida lógico da teoria do emprego, de Keynes, é o princípio da procura efetiva. O pleno emprego depende da procura agregada e o desemprego é o resultado duma carência de procura agregada. A procura efetiva se manifesta pelo gasto do rendimento. É um princípio fundamental que quando o rendimento duma comunidade aumenta, aumentará também o consumo, porém menos do que o rendimento. Em consequência, para que haja uma procura suficiente para manter um aumento de emprego tem que haver um aumento no investimento real igual à diferença entre o rendimento e a procura de consumo originada desse rendimento (DILLARD, 1989. p. 28)

No caso do Brasil, as estatísticas oficiais mais recentes registraram expansão do consumo das famílias – resultantes do crescente volume de empregos gerados no país e da consequente expansão da massa de salários e do crédito destinados às pessoas físicas – aumentos do gasto de governo, gradativa redução das exportações em contraste com o progressivo aumento das importações, porém o investimento (*FBCF*) não tem acompanhado com o mesmo vigor a trajetória do consumo, apesar da taxa de desemprego contabilizar redução continuada.

Em termos do desempenho da indústria o texto (*TD7*) produzido pelo Centro de Desenvolvimento Econômico da FGV, em maio/2010, intitulado “*Desindustrialização no Brasil: um resumo da evidência*”, notadamente o seu Sumário Executivo assinala que:

A análise do desempenho de longo prazo da indústria brasileira mostra que esse setor é o mais dinâmico da economia. Mas ele é também o mais exposto às flutuações de curto prazo associadas às crises externas

que nos atingiram, bem como a medida de política econômica como as de estabilização. (...) Em parte por causa das flutuações de curto e médio prazo, existente no Brasil desde o começo da década de 1990 uma preocupação com a perda de importância relativa da indústria. (TD7/FGV, 2010. p. 1)

Enfim, as flutuações econômicas de curto prazo decorrentes de crises externas, da política econômica, das oscilações da demanda agregada, do crédito, da expectativa e das decisões dos empresários, entre outras, afetam o nível da atividade econômica, por conseguinte o nível de emprego.

Em relação à ordem estrutural da economia assinala-se inicialmente tratar-se de um fenômeno de longo prazo.

A composição estrutural de um sistema econômico reflete, de um lado, o resultado de todos os processos que constituíram a sua formação histórica; de outro lado, reflete a disponibilidade global de seus recursos, os padrões de seu aproveitamento e os arcabouços institucionais que condicionaram a sua formação orgânica (ROSSETTI, 1977. p. 193)

Por sua vez, na economia descritiva a estrutura econômica

(...) corresponde à relação entre os três grandes setores de atividade: primário (atividade agrícola e extrativa), secundário (atividade de transformação fabril) e terciário (serviços em geral, inclusive o comércio e os transportes). O crescimento desses setores não ocorre de forma harmônica, mas desigual, e essa defasagem setorial é um elemento básico para avaliar a estrutura que corresponde ao grau de desenvolvimento de uma economia. Nessa perspectiva, considera-se menos desenvolvido um país de estrutura agrária. (...) Isto porque os elementos característicos do progresso estariam no setor secundário, o que implica a hegemonia do setor industrial sobre as atividades primárias. (SANDRONI, 2006. p. 317)

A teoria do desenvolvimento econômico é pródiga ao atestar, que a superação do atraso e do subdesenvolvimento só ocorre, quando se coloca em curso um processo de mudança estrutural, o qual, por sua vez, resulte da redução da participação do setor primário e do aumento da participação do setor de transformação, isto é, da industrialização.

No Brasil, a partir da década de 1930, a industrialização substitutiva de importações (*ISI*) ao romper com o modelo até então prevalente de dependência clássica (agrário-exportador), inaugurou uma nova fase do desenvolvimento brasileiro que passou então a ser comandado pela indústria.

Aliás, Kuznets (1983), comparando a estrutura econômica e social dos países subdesenvolvidos constata que:

- a) considerável porcentagem da população estava empregada na agricultura;
- b) os salários eram relativamente baixos;
- c) os gastos de consumo estavam concentrados em poucos itens e na sua quase totalidade em gêneros de primeira necessidade;
- d) gêneros da indústria manufatureira de alimentos e de produtos têxteis respondiam pela metade (1/5) do valor adicionado total, diferentemente da estrutura econômica e social dos países desenvolvidos.

(...) traços característicos da estrutura industrial do produto e da força de trabalho nos países subdesenvolvidos merecem atenção explícita.
(...) a participação relativamente elevada da agricultura e ramos

correlatos (...) a participação relativamente baixa do setor industrial (...). (KUZNETS, 1983. p. 273).

A despeito destas constatações, cumpre observar que no Brasil, importantes modificações de índole estrutural ocorreram em razão da industrialização mais densa impulsionada, sobretudo pelo governo federal a parti da década de 1930. Entre outras, basta observar a distribuição da população economicamente ativa (*PEA*) por setores de atividade entre 1940 e 1970, conforme demonstrado por Hoffmann (1977), pois enquanto a *PEA* ocupada na atividade primária reduziu-se de 64,1% para 44,6%, no setor secundário passou de apenas 10,3% para 18,1% e, na atividade terciária, aumentou 23,8% para 37,3% respectivamente.

Concomitante às mudanças que ocorreram na estrutura ocupacional por setores de atividade, também aconteceram alterações na estrutura industrial.

A estrutura industrial do produto nacional e dos recursos produtivos é um aspecto-chave de uma economia em processo de crescimento, uma vez que nos permite observar o impacto do avanço no conhecimento tecnológico, a reação diferencial da demanda à maior capacidade produtiva e à elevação da renda per capita, assim como as alterações, na dimensão e localização de grupos da sociedade associados às diferentes indústrias. (KUZNETS, 1983. p. 103).

Alterações na estrutura da economia provenientes do impacto produzido pela elevação da renda per capita sobre o coeficiente de elasticidade-renda da procura demonstrado por Clark (1957), entre outras razões, devam em alguma medida explicar as mudanças que ocorreram na estrutura do produto industrial brasileiro, ao mesmo tempo que reforçavam ainda mais a essência do processo de industrialização por substituição de importações (*PSI*).

Quadro 1 – Importações como uma porcentagem da oferta total.

Categorias de Bens Por Usos	1949	1955	1960	1962	1965	1966
Bens de Capital	59,0	43,2	23,4	12,9	8,2	13,7
Bens Intermediários	25,9	17,9	11,9	8,9	6,3	6,8
Bens de Consumo	10,0	12,2	4,5	1,1	1,2	1,6

Fonte: *Apud* BAER (1988)

Os percentuais de importações por categorias de bens por usos sinalizam explicitamente o esforço e a efetividade das políticas de substituição de importações adotadas pelo governo brasileiro.

Em 1949, considerável substituição de importações já havia sido alcançada nas indústrias dos bens de consumo e de bens intermediários, enquanto que 59% dos bens de capital ainda eram importados do exterior. As políticas de substituição de importações para maximizar os *backward linkages* forma responsáveis pela queda drásticas naquela proporção. (BAER, 1988. p. 301-302).

Em conferência às alterações na composição da pauta de importações, simultaneamente sucediam significativas modificações na estrutura do produto industrial brasileiro.

Quadro 2 – Estrutura do produto industrial por usos (com base nos índices de volumes físicos).

Categorias de Bens Por Usos	1949	1955	1959	1966
	%	%	%	%
Bens de Capital	5,2	5,7	12,0	11,7
Bens Intermediários	32,0	34,2	34,7	40,1
Bens de Consumo	7,2	9,5	9,4	13,3
Bens de Consumo Não-Duráveis	55,6	50,6	43,9	35,1

Fonte: *Apud* HOFFMANN (1977)

Pelo exame da composição das importações, comparativamente à estrutura do produto industrial verifica-se um movimento simultâneo de redução das importações e aumento do volume físico do produto industrial convergente às políticas de substituição de importações. Sem embargo, estudos sobre a elasticidade-emprego do produto industrial citados por Hoffmann (1977) mostram que as mudanças na estrutura da indústria brasileira exerceram pouco efeito sobre a ocupação da mão-de-obra.

(...) setores dinâmicos como material elétrico, material de transporte, mecânica e química, tendem a absorver mão-de-obra a taxas que se aproximam de suas próprias taxas de crescimento. Já setores tradicionais como madeira, bebidas, têxtil, vestuário, produtos alimentares, editorial e gráfica, fumos, couros e peles, tendem a empregar mão-de-obra a taxas bem inferiores às de seu próprio crescimento. (...) Cano (1968. p. 69) já mostrara que a elasticidade emprego do produto industrial, em largos períodos da industrialização brasileira, tem sido maior nos ramos que denomina dinâmicos (...) do que nos ramos que classifica de vegetativos. (...), a absorção de mão-de-obra tem sido maior, em termos relativos, naqueles ramos que são em geral de maior densidade de capital. (HOFFMAN, 1977. P. 127-128)

Considerando a estrutura e a situação em que se encontrava a indústria brasileira ao final da década de 1980³⁹, com o início da abertura comercial no governo Collor, cujo aprofundamento colide com a fase mais obtusa de estabilização da economia no governo FHC – 1, observa-se, comparando a variação anual do índice de pessoal empregado com a variação anual do valor adicionado referentes à indústria de transformação que:

- a) de 1992 a 1999 o emprego na indústria, independentemente das variações positivas do valor adicionado apresenta nítido movimento não muito regular de variação negativa; e
- b) de 2000 até 2008 (a exceção de 2002) inicia-se período de recuperação dos empregos na indústria de transformação.

A exceção de 1998 e 1999, observa-se, embora de maneira não tanto regular, que a variação anual de estoque recuperado no final do período do emprego na indústria não apresentou distorção que poderia ser tapo pronunciada em relação ao estoque total de empregos, assim como a participação relativa dos empregos industriais como porcentagem total de empregos manteve-se praticamente estável.

³⁹ Estudo mais minucioso sobre a situação (características, tendências e desempenho) da indústria brasileira no início dos anos 1990 encontra-se em: SUZIGAN, Wilson. A indústria brasileira após uma década de estagnação: questões para política industrial – Economia e Sociedade: UNICAMP/IE, 1992

Tabela 1 – Brasil, variação percentual anual do estoque recuperado final do período de empregos na indústria e no total de empregos e participação do estoque de empregos industriais no total de empregos (%)

Ano	Variação Anual do Estoque de Empregos (%)		Participação Relativa Empregos Indústria/Total (%)
	Indústria	Total de Empregos	
1998	-5,42	-2,52	25,51
1999	-0,04	-0,87	25,72
2000	3,16	2,95	25,77
2001	1,82	2,58	25,59
2002	2,86	3,24	25,49
2003	2,24	2,66	25,38
2004	8,21	6,11	25,89
2005	2,93	4,74	25,44
2006	3,82	4,43	25,29
2007	5,63	5,59	25,30
2008	2,53	4,75	24,76
2009	0,22	3,11	24,07
2010*	8,54	7,29	24,35

Fonte: CAGED/MET

Elaboração: os autores

* 2010 até outubro

Finalmente, não menos importante, convém destacar o aspecto referente à ordem estrutural da economia representado pela constituição do sistema empresarial, pois, neste núcleo da estrutura econômica.

(...) importa considerar as dimensões das empresas e os seus graus de concentração no espaço geográfico e em cada um dos setores que compõem o quadro de atividades internas. Vinculadas a esse núcleo, as dimensões das empresas constituem uma das principais, características estruturais do sistema, (...). Aliás, é de dimensão de empresas, bem como dos graus espaciais e setoriais de concentração, que depende boa parte do nível de eficiência do sistema e de sua vulnerabilidade às flutuações de desempenho. (ROSSETTI, 1997. p. 196)

Levando em conta que um dos traços marcantes do desenvolvimento econômico brasileiro manifesta-se através dos desequilíbrio regionais, sem o devido rigor, constata-se a partir dos dados RAIS/TEM, especificamente em relação aos estabelecimentos da industriais de grande porte (de 500 a 999 e 1000 ou mais vínculos formais de trabalho) que a quantidade de estabelecimentos no SUDESTE – SUL representa 81,6% (1985) e 75,4% (2009), configurando deste modo (salvo casos excepcionais de gêneros da indústria) visível concentração espacial de empresas de maior porte nestas regiões.

Por outro lado, o estoque de vínculos ativos formais de trabalho em estabelecimentos daquele mesmo porte, em relação ao total de estoque de vínculos nos demais porte de estabelecimentos da indústria, reduziu-se em termo de participação relativa de 41,5% em 1985 para 32,1% no ano de 2009.

Do mesmo modo e de forma sutil ocorreu entre 1996 e 2008 desconcentração da atividade industrial medido pelo valor da Transformação Industrial (UTI)⁴⁰ basta verificar que a participação relativa dos estados das regiões SUDESTE – SUL (Minas Gerais, Rio de

⁴⁰ Valor da Transformação Industrial (UTI) Resulta do Valor da Produção Industrial deduzido dos gastos com matéria – prima, material de embalagens, combustíveis, energia elétrica e dos serviços contratados, incluindo as importâncias pagas aos trabalhadores em domicílio. (IBGE – PIA/ Pesquisa Industrial Anual).

Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) no total da UTI, reduziu-se de 82,2% para 71,7% respectivamente.

O estado paulista contabilizou a maior perda em termos percentuais, uma vez que sua participação relativa no total da UTI diminuiu de 49,1% para 37,3% e no UTI da indústria de transformação encolheu de 50,9% para 41,4%⁴¹.

Enfim, procurou-se nesta seção estabelecer os nexos causais entre os fenômenos de curto prazo (conjunturais) e com aqueles de maior prazo (estruturais) e, de maneira as suas intrínsecas dinâmicas exercem influência no nível da atividade econômica e, conseqüentemente no emprego, invariavelmente impactando no próprio impactando no próprio desenvolvimento.

Metodologia da pesquisa

O artigo por não ter a pretensão de estabelecer generalizações a partir do objeto estudado, limita-se a um estudo meramente quantitativo e comparativo de dois municípios paulistas demograficamente assimétricos. Sem embargo, admite-se a priori que as características estruturais destes municípios submetidas ao comportamento de curto prazo (conjuntural) da economia produzam situações diferentes suscetíveis de provocarem reações variadas sobre o mercado de trabalho. Assim, com o propósito de examinar estes aspectos, de ambas as localidades, utiliza-se de dados estatísticos disponibilizados por fontes secundárias e oficiais de pesquisa – SEADE (Fundação Sistema Estadual de Dados Estatísticos); MTE (Ministério do Trabalho e Emprego); BACEN (Banco Central do Brasil); IPEADATA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – Banco de Dados Agregados); MDIC (Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio Exterior). Convém, no entanto, assinalar que na ausência de indicadores econômicos municipais de conjuntura (fora os casos excepcionais), bem como, de séries históricas de maior periodicidade, optou-se por analisar variáveis econômicas mais recentes, ou seja, entre os anos de 2005 a 2009/2010. Em resumo, as variáveis empregadas relacionam-se com ao Valor Adicionado Fiscal; Coeficiente de Especialização do Valor Adicionado Fiscal; Valor Total das Exportações (US\$/FOB); Valor dos Investimentos Anunciados; e aqueles pertinentes ao mercado de trabalho – estoque de empregos, saldo líquido de empregos, remuneração média nominal, entre outras.

Assim, procura-se averiguar até que ponto o mercado de trabalho dos dois municípios é influenciado positiva ou negativamente, por problemas estruturais e conjunturais.

Resultados da pesquisa

Em 1980, a cidade de Franca contava com uma população total de 147.962 habitantes e a cidade de Sertãozinho contava com 51.203 habitantes, segundo censo 1980 – IBGE. Decorridas três décadas, a população de Franca – de acordo com dados preliminares do Censo Demográfico de 2010⁴² - aumentou em 170.270 habitantes, perfazendo um total de 318.232 habitantes, enquanto Sertãozinho contabilizando um acréscimo de 58.878 habitantes, totalizando 110.081 habitantes.

Assim, ambos os municípios conformam acentuada desproporção em termos estritamente demográficos.

⁴¹ É oportuno lembrar que esse processo de desconcentração industrial não é recente. Recomenda-se para uma análise mais detida e aprofundada: CANO, Wilson. Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930 – 1995 – Campinas, SP: UNICAMP, IE, 1998.

⁴² A população recenseada de Franca até aquele momento atingira 96,16% do total, enquanto Sertãozinho representara 99,17% do total dos domicílios pesquisados.

Em respeito à estrutura econômica – definida segundo a participação relativa dos macros setores no valor adicional fiscal (VAF) – os dois municípios conformam uma composição bem distinta

Tabela 2 – Franca e Sertãozinho segundo participação relativa dos macros setores no Valor Adicionado Fiscal Total (em %) – 1920 e 2007.

Macros Setores da Economia	Participação Relativa no VAF Total (em %)			
	FRANCA		SERTÃOZINHO	
	1920	2007	1920	2007
Indústria	13,0	22,5	12,2	50,7
Serviços	20,4	76,4	21,0	47,7
Agropecuário	66,6	1,1	66,8	1,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IPEADATA

Elaboração: os autores

Ainda que na década de 1920 os dois municípios apresentassem estrutura econômica muito semelhante, com forte viés agropecuário, já no século XXI, Franca que de 1950 até 1990 podia ser considerada como uma economia industrial, passou a ser classificada – de acordo com a tipologia do PIB de 2007 da Fundação SEADE – como economia multissetorial, enquanto Sertãozinho é classificado como município industrial.

Quanto à estrutura industrial os dois municípios – com base no Coeficiente de Especialização do Valor Adicionado fiscal (2005) elaborado pela Fundação SEADE – Atlas de Competitividade da Indústria Paulista – apresentaram um quadro consideravelmente diferenciado.

Quadro 3 – Franca e Sertãozinho segundo o Coeficiente de Especialização do Valor Adicionado Fiscal (em %) - 2005.

FRANCA – Subsetores da Indústria de Maior Porcentagem do CE/VAF	
Máquinas e Equipamentos	3,03%
Artigos de Borracha	3,26%
Couros e Calçados	79,30%
Produtos Químicos	4,43%
Produtos de Plástico	3,27%
Produtos Alimentícios	2,02%
SERTÃOZINHO – Subsetores da Indústria de Maior Porcentagem do CE/VAF	
Metalurgia Básica	6,64%
Produtos de Metal	10,41%
Máquinas e Equipamentos	10,71%
Equipamentos Médicos, Óticos de Automação e Precisão	4,98%
Produtos Químicos	4,01%
Combustíveis	4,01%
Produtos Alimentícios	56,08%

Fonte: SEADE

Elaboração: os autores

A exceção do ramo de produtos alimentícios, em Franca os cinco demais gêneros das indústrias de transformação somaram o equivalente a 93,29% do coeficiente de especialização do valor adicionado fiscal da indústria, do mesmo modo, em Sertãozinho os seis demais gêneros industriais perfizeram um total de 40,76% do mesmo coeficiente. No entanto, enquanto no município de Franca este mesmo coeficiente de especialização denotara considerável concentração em subsectores da indústria classificados como sendo de média baixa e de baixa intensidade tecnológica. Em sentido inverso, o município de Sertãozinho apresentava menor concentração do coeficiente de especialização e uma distribuição mais

equilibrada segundo a intensidade tecnológica, incluindo um gênero da indústria de alta tecnologia.

A presença de empresas de grande porte⁴³, segundo a pesquisa de Cadastro Central de Empresas – IBGE, contabilizara um total de oito empresas em Franca, sendo quatro na indústria, uma na atividade de comércio varejista, uma na administração pública, uma na área da saúde e uma na área da educação. Já em Sertãozinho, o total de empresas de grande porte totaliza 14 empresas, sendo que deste total nove empresas atuavam no ramo industrial, duas no comércio varejista, uma nas atividades de administração pública e serviços complementares, uma na administração pública e uma em outras atividades de serviços. Importante indicador econômico que reflete a dinâmica da acumulação de capital é examinado sob a ótica dos investimentos cuja base de informações é disponibilizada pela Fundação SEADE por meio da Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo – PIESP.

Entre os anos de 2006 e 2009 foram registrados 39 anúncios de investimentos em Franca contra 17 e Sertãozinho. Convém observar que dos 39 investimentos anunciados em Franca 29 ou 74,3% relaciona-se às atividades de:

- a) alojamento e alimentação (04);
- b) comércio varejista (16);
- c) educação (04);
- d) couros e calçados (03); e
- e) saúde e serviços sociais (02).

Tabela 3 – Franca e Sertãozinho segundo o valor dos investimentos anunciados (em US\$ milhões) – 2006 a 2009

Ano	Valor dos Investimentos Anunciados (US\$ milhões)*	
	FRANCA	SERTÃOZINHO
2006	9,53	22,37
2007	155,56 ⁴⁴	26,50
2008	5,56	35,41
2009	9,00	16,18
Total	179,65	100,46

Fonte: SEADE

Elaboração: os autores

* Foi considerado o ano do anúncio do investimento e não o período do investimento.

Em Sertãozinho os investimentos anunciados distribuem-se de maneira bem mais equilibrada entre os mais diversos segmentos da atividade econômica, tais como, refino de petróleo e álcool, eletricidade, gás e água quente, metalurgia básica, máquinas e equipamentos, transportes terrestre, educação, entre outros.

Segundo o tipo de investimentos em Franca, do total de 39, aqueles destinados a ampliação somaram 19 (48,7%); enquanto em implantação de registram-se 20 (51,3%), já em Sertãozinho dos 17 investimentos anunciados 12 (70,6%) destinaram-se a ampliação contra 5 (29,4%) relacionados a implementação.

⁴³ Considerando que a pesquisa IBGE (Cadastro Central de Empresas) não informa o valor do faturamento das empresas o tamanho destas foi definido segundo as faixas de pessoal ocupado.

⁴⁴ Embora no acumulado entre 2006 a 2009 o valor dos investimentos anunciados em Franca tenham superado em 78,82% o valor total dos investimentos em Sertãozinho, desconsiderando os US\$ 147,03 milhões investidos pela SABESP (2007), o valor total em Franca teria sido de US\$ 32,62 milhões.

O desempenho do setor externo, das economias dos municípios em questão, retrata a potencialização do dinamismo proveniente da capacidade empresarial (viés estrutural de corte microeconômico) e da conjuntura econômica (viés conjuntural de natureza macroeconômica).

Tabela 4 – Franca e Sertãozinho segundo o valor total das exportações (em milhões US\$/FOB) – 2005 a 2010

Ano	Valor Total das Exportações (em milhões US\$/FOB)	
	FRANCA	SERTÃOZINHO
2005	259,0	152,9
2006	230,9	158,0
2007	227,1	192,3
2008	231,1	248,2
2009	151,3	290,2
2010*	164,2	465,6

Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio Exterior

Elaboração: os autores

* valor acumulado das exportações até outubro/2010

Por diferentes razões, tais como, dinamismo do setor empresarial, cambio, demanda (interna e externa), entre outras, constata-se um movimento de progressiva redução das exportações de Franca alternando com um movimento de contínua expansão em Sertãozinho.

Considera-se ainda que as exportações de Franca estão basicamente concentradas em produtos intensivos de trabalho como calçados, componentes para calçados, couros e outros artefatos de couro, café em grãos, etc., enquanto as exportações de Sertãozinho concentram-se em produto como o açúcar, álcool etílico, outros açúcares de beterraba, turbinas a vapor, caldeiras aquatubulares, equipamentos para usina de açúcar, entre outros.

No caso específico de Franca, convém ressaltar, que o principal segmento exportador (indústria de calçados) vem sofrendo perdas substanciais em termos de volume físico exportado, em decorrência do câmbio apreciado e do aumento crescente da participação da China no mercado norte – americano como até mesmo na América do Sul.

Sem embargo, a atividade econômica nos dois municípios, se por um lado, foi afetado de forma negativa – por problema de câmbio, demanda externa, preços e concorrência, etc, por outro lado, o dinamismo do mercado de consumo interno, em alguma medida, deve ter compensado perdas sofridas com mercado externo. Um dos fatores que vem contribuindo para o aquecimento do consumo interno (das famílias e indivíduos), além do bom desempenho do mercado de trabalho é a expansão do crédito, notadamente para pessoas físicas.

Tabela 5 – Brasil, operações de crédito para pessoas físicas por faixa de valor (R\$ mil) e variação percentual (em %) – dez 2004 e ago 2010

Faixa de Valores	Operações de Crédito Para Pessoas Físicas (R\$mil)		
	DEZ/2004	AGO/2010	2010/2004 (%)
Até R\$ 5 mil	80.455	187.430	132,96
De R\$ 5 mil a R\$ 50 mil	87.134	336.874	286,61
Acima de R\$ 50 mil	38.838	187.169	381,92
Total	206.427	702.473	240,30

Fonte: BACEN – Banco Central do Brasil

Elaboração: os autores

A expansão das operações de crédito para pessoas físicas faixas de R\$ 5 mil a R\$ 50 mil e acima de R\$ 50 mil, em boa medida contribuíram para aqueles o consumo de bens duráveis, como os gêneros da indústria automotiva, eletroeletrônica, equipamentos de informática, mobiliário, incluindo a construção civil. Contudo, a combinação de redução da taxa de desemprego com a expansão da massa salarial, também fora decisivas pra reaquecer o mercado de consumo de outras categorias de produtos.

Enfim, é cabível admitir que a exceção da crise global instalada em 2008, o círculo virtuoso de crescimento da economia brasileira, em confluência com os investimentos, com o desempenho do setor exportador mais a própria estrutura empresarial dos municípios em questão, tenham contribuído para que mercado de trabalho nas duas localidades, analogamente e, em boa medida, apresentasse desempenho também positivo.

Tabela 6 – Franca e Sertãozinho segundo estoque líquido total de empregos formais – 2005 a 2010

Ano	Estoque Líquido Total de Empregos**	
	FRANCA	SERTÃOZINHO
2005	379	1.525
2006	238	3.087
2007	1.700	5.312
2008	-329	977
2009	2.563	-2.442
2010*	16.177	4.598

Fonte: CAGED/MTE

Elaboração: os autores

* até o mês de Setembro de 2010

** refere-se à diferença entre o estoque inicial (janeiro) e o estoque final (dezembro) de empregos

Muito embora Franca e Sertãozinho, foram afetados com intensidades diferentes na fase da pré e durante a crise global, nos dois municípios verifica-se um comportamento bem distinto do mercado de trabalho, visto que, no primeiro registra-se uma variação bem irregular do estoque líquido de empregos, enquanto no segundo contata-se um movimento mais regular.

Tabela 7 – Franca e Sertãozinho segundo estoque líquido de empregos formais na indústria – 2005 a 2010

Ano	Estoque Líquido de Empregos na Indústria	
	FRANCA	SERTÃOZINHO
2005	-1.654	873
2006	-1.874	1.814
2007	-35	2.738
2008	-2.031	729
2009	563	-2.677
2010*	12.810	3.044

Fonte: CAGED/MTE

Elaboração: os autores

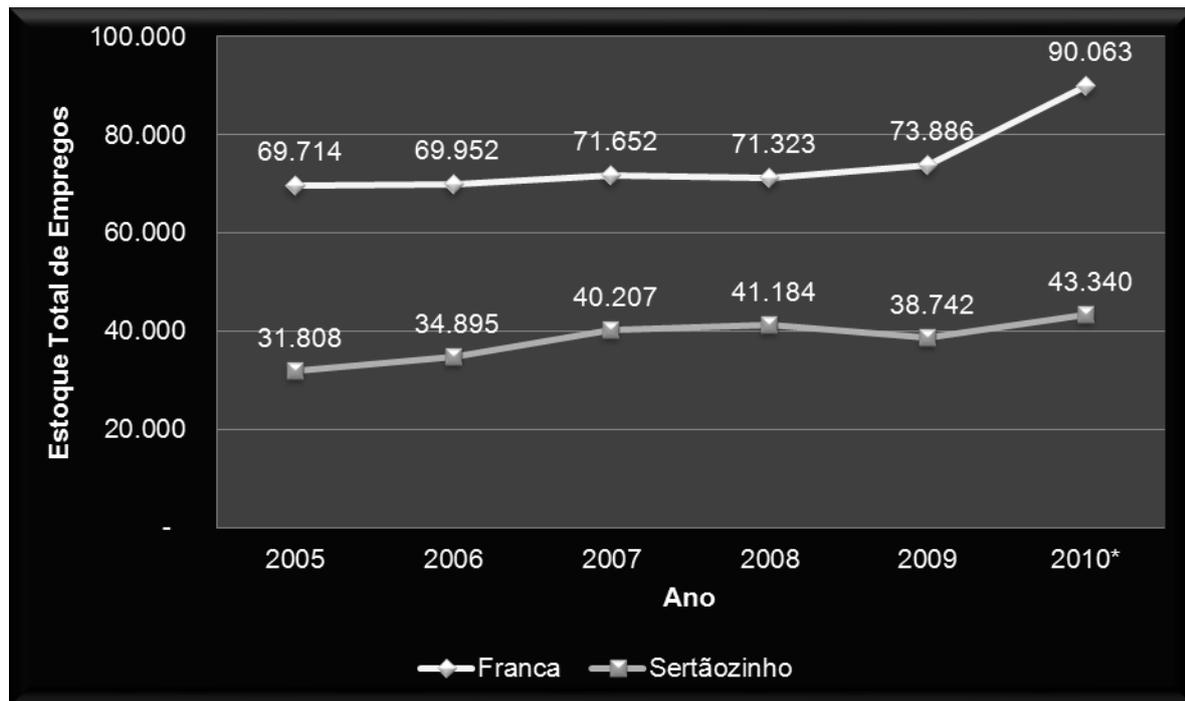
* até o mês de Setembro de 2010

Embora a economia do município de Franca seja classificada como multissetorial, o emprego na indústria representa relação total de empregos nas demais atividades econômicas aproximadamente 44% em média, enquanto Sertãozinho, pelo fato de sua economia ser tipicamente industrial a participação dos empregos industriais eleva-se a um percentual médio de 53,1% do total de empregos.

No caso de Franca deve-se ainda considerara o fato de que, se a participação dos empregos industriais é significativamente representativa em relação ao total de empregos formais, sem margem de dúvida, consideravelmente elevada é a participação dos empregos no gênero da fabricação de calçados em proporção do total de empregos formais na indústria.

Basta observar a magnitude do coeficiente de especialização do VAF do segmento couro e calçados (79,3%) em relação às demais atividades industriais no mesmo município. Por isto mesmo, dadas as próprias características do segmento da fabricação de calçados, sobretudo o fato de ser uma atividade da indústria manufatureira intensiva de mão-de-obra, admite-se que o desempenho deste mesmo ramo da atividade econômica influencie em boa medida o emprego na indústria e o nível geral de empregos no próprio município.

Gráfico 1 – Franca e Sertãozinho, estoque total de empregos recuperados (quantidades de empregos) em 31/12 - 2005 a 2010



Fonte: CAGED/MTE

Elaboração: os autores

* até o mês de Setembro de 2010

Embora o estoque de empregos em Franca seja duas vezes maior que o de Sertãozinho, quando se compara o salário médio nominal dos empregados admitidos nos principais setores da atividade econômica, constata-se um quadro senão contrastante entre as duas localidades.

Em valores absolutos a diferença entre o salário médio nominal dos empregados admitidos no total de todas as atividades contabilizou um aumento de R\$ 171,31 em 2007, para R\$ 193,44 em 2010. Verifica-se ainda em todos os grandes setores de atividade econômica, que o salário médio nominal dos empregados admitidos na cidade de Sertãozinho situou-se acima daqueles registrados em Franca, sobressaindo às maiores diferenças, nas atividades de construção civil, agropecuária e na indústria.

Tabela 8 – Franca e Sertãozinho, salário médio nominal dos empregados admitidos (em R\$) – 2007 e 2010.

Setores da Atividade Econômica	Salário Médio Nominal – Empregados Admitidos (R\$)			
	FRANCA		SERTÃOZINHO	
	2007	2010*	2007	2010*
Indústria	650,33	785,39	820,93	975,30
Construção Civil	662,19	866,97	997,50	1.149,35
Comércio	605,38	820,34	789,19	957,55
Serviços	650,64	827,04	768,83	981,93
Agropecuário	351,49	508,19	538,63	763,47
Total	628,66	791,46	799,97	984,90

Fonte: CAGED/MTE

Elaboração: os autores

* até o mês de Setembro de 2010

Comparando o salário médio nominal dos trabalhadores admitidos com o salário dos trabalhadores desligados, constata-se que a diferença entre ambos nos dois municípios descreve um movimento bem discrepante.

Tabela 9 – Franca e Sertãozinho, diferença absoluta do salário médio nominal entre trabalhadores admitidos e desligados (em R\$) – 2007 a 2010

Ano	Diferença Absoluta do Salário Médio Nominal Total Entre Trabalhadores Admitidos e Desligados**	
	FRANCA	SERTÃOZINHO
2007	-45,02	+3,18
2008	-34,22	-50,03
2009	-23,83	-149,87
2010*	-23,13	-132,07

Fonte: CAGED/MTE

Elaboração: os autores

* até o mês de Setembro de 2010

** os valores referem-se às diferenças apuradas em relação ao total da movimentação de trabalhadores (admitidos e desligados), ou seja, à média de todas as atividades econômicas.

Na cidade de Franca observou-se um movimento de contínua redução da diferença de salário entre os trabalhadores admitidos e desligados, muito embora, enquanto no setor de comércio a diferença tenha diminuído (em Reais) de -76,07 em 2007 para +6,29 em 2010, na agropecuária ocorreu o inverso, visto que, aumentou de - 26,38 para -80,05 respectivamente. Já em Sertãozinho, registrou-se o oposto, pois, com uma diferença positiva de R\$ 3,18 em 2007, contabilizou-se um resultado negativo de R\$ 132,07 em 2010, sobressaindo as maiores diferenças de salário entre os trabalhadores admitidos e desligados a indústria que passou de positivos R\$ 9,31 em 2007 para negativos R\$ 259,73 em 2010, enquanto na atividade agropecuária de R\$ 26,49 negativos atingiu R\$ 73,10 positivos respectivamente.

Mesmo diante destas alterações verifica-se apreciável diferença salarial entre os dois municípios, especialmente no ramo da atividade industrial.

Tabela 10 – Franca e Sertãozinho, salário médio nominal dos vínculos formais ativos em 31/12 em setores de atividades econômicas (R\$) – 2006 a 2009

Setores da Atividade Econômica	Salário Médio Nominal dos Vínculos Ativos em 31/12 (R\$)							
	2006		2007		2008		2009	
	Fran.	Sert.	Fran.	Sert.	Fran.	Sert.	Fran.	Sert.
Indústria	757,81	1.570,24	798,39	1.702,99	867,55	1.913,40	918,19	1.966,92
Comércio	755,48	888,94	833,50	1.000,97	906,94	1.118,67	972,40	1.181,48
Serviços	1.178,86	1.119,86	1.217,16	1.166,89	1.292,77	1.310,77	1.318,94	1.454,75
Total	871,16	1.315,43	923,22	1.420,54	998,77	1.593,03	1.067,90	1.640,64

Fonte: RAIS/MTE

Elaboração: os autores

De 2006 a 2009 o salário médio nominal do total de vínculo ativos formais da cidade de Sertãozinho em média manteve-se em torno de 54,49% acima do registrado na cidade de Franca, embora nos setores de comércio e de serviço as diferenças salariais não sejam tão pronunciadas – apesar de no comércio a diferença ter aumentado de R\$ 133,46 em 2006 para R\$ 209,08 em 2009. Porém, em relação à indústria, em percentual o salário médio nominal em Sertãozinho, que era 107,20% maior que o de Franca em 2006, aumentou 114,22% em 2009.

Independentemente da determinação dos salários pelo viés político, devido à capacidade de organização sindical dos trabalhadores e do seu respectivo poder de barganha, convém assinalar, que em certa medida, o diferencial de salários seja decorrente do método de trabalho e da divisão salarial de trabalho.

O que diferencia as épocas econômicas uma das outras não é o que se faz, mas como se faz, com que instrumentos o trabalho se faz (...). Pode – se distingui na produção da sociedade dois tipos fundamentais de divisão de trabalho: a divisão do trabalho social e a divisão técnica do trabalho. A divisão do trabalho social é a divisão da produção

social em diferentes ramos, esferas ou setores de produção, (...). A divisão técnica do trabalho é a divisão do trabalho que se opera no interior de um processo de produção (...). (FIORAVANTE, 1978. p. 38 – 40).

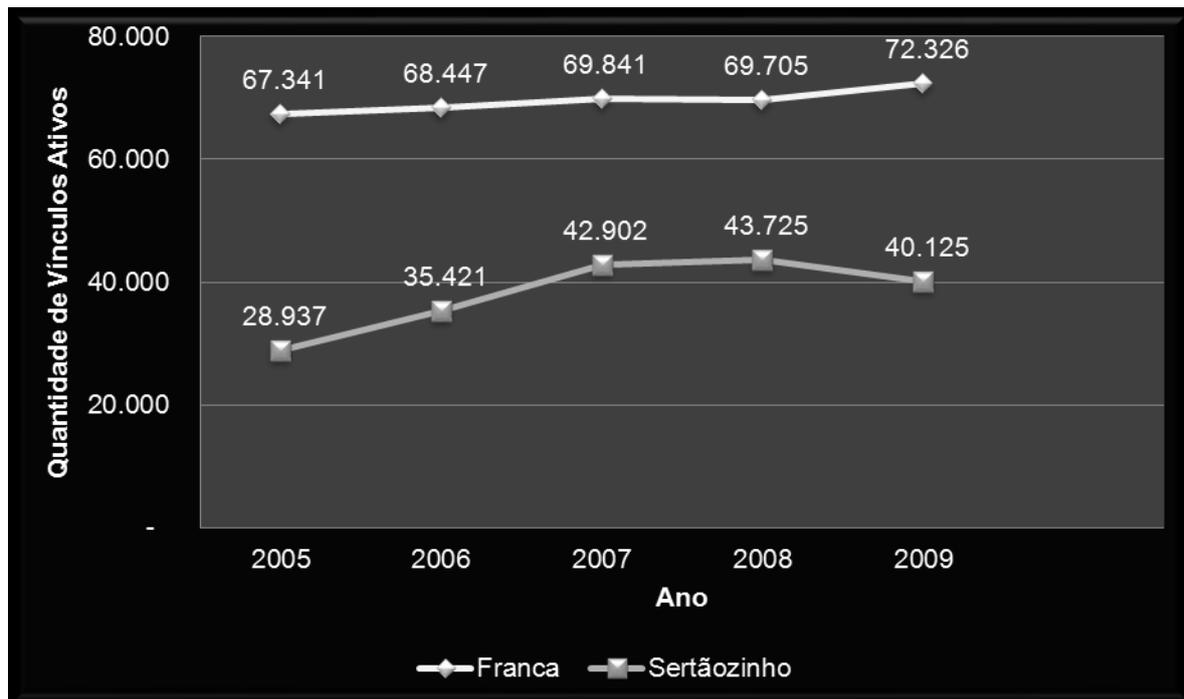
Ademais, em ambos os municípios observou-se que a estrutura industrial é bem diferenciada (divisão do trabalho social), cuja intrínseca complexidade resulte da adoção de métodos de trabalho (como se faz) compatível com ocupações (divisão técnica do trabalho) quer variam entre maior e menor sofisticação tecnológica como maior e menor qualificação dos empregados.

Sem o devido aprofundamento, contactou-se de acordo com o RAIS/2009 referente ao estoque de vínculos ativos formais (31/12) na indústria de transformação segundo o grau de instrução que:

- a) em Franca 54,63% dos vínculos ativos possuíam ensino médio (completo e incompleto) e na educação superior incluindo mestrado e doutorado encontravam-se apenas 5,26 %; e
- b) em Sertãozinho, no ensino médio o percentual somara 39,44 % enquanto na faixa relativa ao ensino superior encontravam-se praticamente o dobro do vínculo ativo, ou seja, 9,62%.

Finalmente, de acordo com os dados do RAIS/TEM foram analisados a evolução de estoque de vínculos formais ativos e a massa salarial nominal entre os anos de 2005 e 2009.

Gráfico 2 – Franca e Sertãozinho, postos formais de trabalho/estoque de vínculos ativos 31/12 – 2005 a 2009

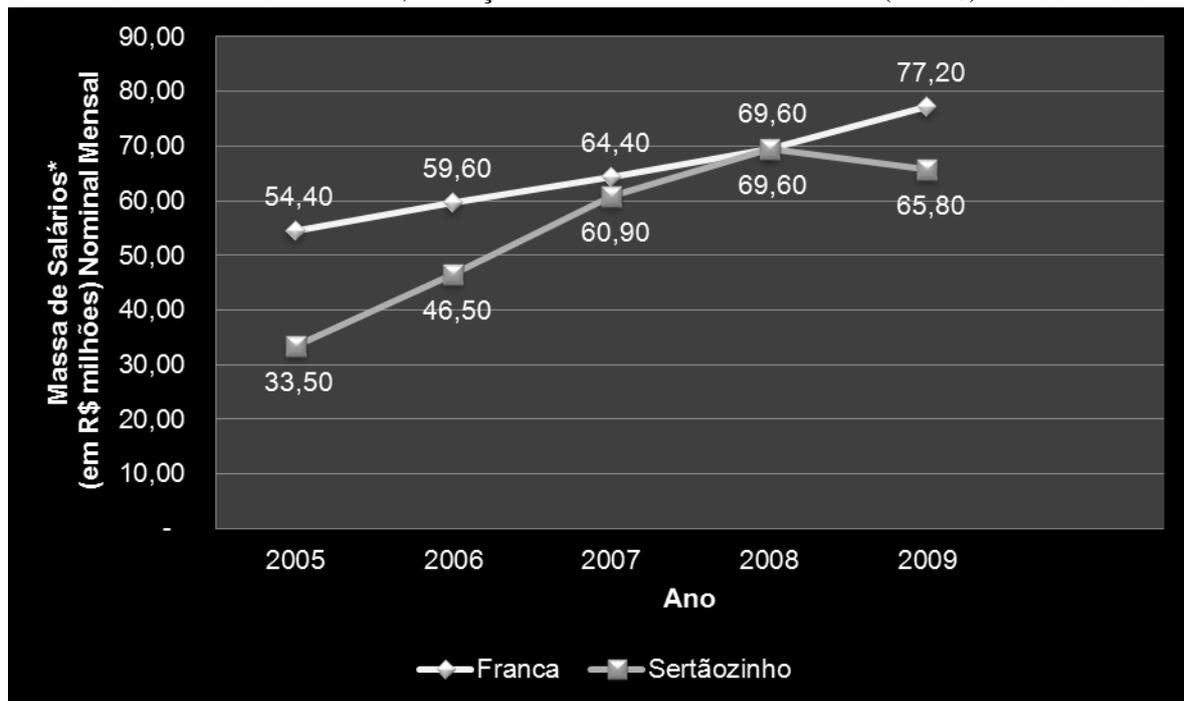


Fonte: RAIS/MTE

Elaboração: os autores

Se observarmos apenas o ano de 2009 em relação ao de 2008, a priori a crise global parece ter provocado efeito mais significativo em Sertãozinho do que em Franca, pois no primeiro município, registrou-se em 2009 queda de 8,23% do estoque total de postos de trabalho, comparativamente ao anterior, enquanto no segundo houve e aumento de 3,76%.

Gráfico 3 – Franca e Sertãozinho, evolução da massa de salários nominal (em R\$) – 2005 a 2009.



Fonte: RAIS/MTE

Elaboração: os autores

* Massa de salários – refere-se à soma dos rendimentos (em R\$) do estoque total de postos de trabalho (vínculos ativos)

Todavia, ao compararmos o estoque total de postos formais de trabalho em 2009 com o ano de 2005, constata-se que o município de Franca deteve um aumento de 7,40%, enquanto o município de Sertãozinho contabilizou a expansão de ordem de 41,78%.

Analogicamente, (2009/2008), a massa de salários nominais cresceu de 10,92% em Franca e recuou -5,46% em Sertãozinho, entretanto em 2009 comparativamente ao ano de 2005, a expansão da massa de salário foi de 41,91% e 96,42% respectivamente.

Considerações finais

Tanto em Franca como em Sertãozinho, foi possível verificar, que ao longo do seu processo de formação histórica, ocorreram importantes modificações na estrutura de suas respectivas economias. De um passado tipicamente agrícola, os dois municípios formaram-se em decorrência de suas intrínsecas vocações e vantagens locais, economias especializadas em diferentes gêneros de atividade industrial.

Da década de 1990 em diante, principalmente a fase mais aguda de estabilização da economia e de estrutura comercial mais intensa, acentuado processo de reestruturação produtiva promoveu, no caso de Franca, a liquidação de empresas tradicionais e de grande porte e, a reorganização da sua principal indústria manufatureira em torno de praticamente empresas de micro e pequeno porte. Assim a sua indústria passou progressivamente a construir com menor participação na composição do produto interno do município, conquanto, em sentido inverso os setores de comércio e serviços aumentaram sobremaneira sua parcela de contribuição, razão pela qual, a economia de Franca passou de industrial para a categoria de multissetorial. Entretanto, sua estrutura industrial conformou nítida e protusa especialização/concentração num segmento de baixa tecnologia.

Diferentemente de Franca, a estrutura industrial de Sertãozinho delineou uma formação que lhe confere especialização e maior diversificação segundo a intensidade tecnológica.

Em relação ao mercado de trabalho, especialmente o seu desempenho, vale dizer que o mesmo condiciona-se ao ritmo de acumulação (investimentos produtivos) como também a própria dinâmica de demanda interna, isto é, de consumo das famílias/indivíduo e daquela outra que compenente advinda das exportações.

Ademais, foi possível, embora sem o devido aprofundamento, verificar que de maneira as economias dos municípios em questão foram contaminadas pela crise global, assim como, no pós – crise foram impactadas pelo vigoroso crescimento da economia brasileira.

Em alguma medida o nível de endividamento das pessoas físicas, a oferta e o custo do crédito, a expansão de renda seguida de alterações na estrutura de consumo (elasticidade – renda da procura), entre outros motivos, contribuíram positivamente para deflagrar um movimento de aumento da produção, que, por conseguinte, refletiu diretamente na expansão do emprego nas duas localidades – muito embora sob diferentes gradientes de intensidade.

Por outro lado, foi possível compara e compreender, a influencia exercida pela divisão social e técnica do trabalho sobre a remuneração dos trabalhadores empregados na indústria, visto que, a baixa remuneração em Franca resulta do fato que a principal indústria (fábrica de calçados) é intensiva de trabalho e de baixa tecnologia, conquanto em Sertãozinho a atividade industrial é mais intensiva de capital e de média baixa e média alta tecnologia.

Referências

- BAER, Wener. A industrialização e o desenvolvimento econômico brasileiro. Trad. Paulo de Almeida Rodrigues.- 7 ed. – Riode Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- BARAN, Paul Alexander. A economia política do desenvolvimento. Trad. S. Ferreira Cunha – São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Economistas)
- CANO, Wilson. Desequilíbrio regionais e concentração industrial no Brasil, 1930 – 1995. – 2 ed. – Campinas, SP: UNICAMAP/IE, 1998.
- Desindustrialização no Brasil: Um Resumo da Evidência. Centro de Desenvolvimento Econômico – FGV, textos para discussão (TD7), maio 2010. Acesso em 06/12/2010: [HTTP://portable.fgv.br/main.jsp?lumPageId](http://portable.fgv.br/main.jsp?lumPageId).
- DILLARD, Dudley. A teoria econômica de John Maynard Keynes: teoria de uma economia monetária. Trad. Albertino Pinheiro Júnior. – 6 ed. – São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1989.
- ESTEY, James Artur. Ciclos econômicos: sua natureza, causa e controle. Trad: Prof. Lycurgo Gomes da Motta. – 3 ed. - São Paulo : Editora Mestre Jou, 1956.
- HOFFMANN, Helga. Desemprego e subemprego no Brasil. – São Paulo: Ática, 1977.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- IPEADATA – Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas/ Banco de Dados Agregado.
- KUZNETS, Simon. Crescimento econômico moderno: ritmo, estrutura e difusão. Trad. Benedicto de Carvalho – São Paulo Abril Cultural, 1983. (Os Economistas)
- MDIC – Ministério do Desenvolvimento da indústria e do Comércio Exterior.
- MTE/Cagde – Ministério do Trabalho e do Emprego/Cadastro Geralde Empregos e Desempregos.
- MTE/RAIS – Ministério do Trabalho e do Emprego/Relatório Anual de Informações Sociais.
- ROSSETTI, José Paschoal. Política e programação econômicas. – 3 ed. – São Paulo: Atlas, 1997.

SANDRONI, Paulo. Dicionário econômico do século XXI. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Record, 2006.

SCHUMPETER, Joseph Alois. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucro, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. Trad. Maria Sílvia Possas. – São Paulo: Ed. Nova Cultural Ltda, 1997.

SEADE – Fundação Sistema Estadual de Dados Estatísticos.

SOUZA, Nali de Jesus. Desenvolvimento econômico. – 5 ed. – São Paulo: Atlas, 2005.

SUZIGAN, Wilson. A indústria brasileira após uma década de estagnação: questões para política industrial. – Economia e Sociedade, Capina, SP: UNICAMP/IE, 1992.